

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

ALINE GUERRA SANTOS

QUEM NÃO SONHOU EM SER UMA JOGADORA DE FUTEBOL?
Documentário sobre histórias e vivências de mulheres que jogam futebol

UBERLÂNDIA

2022

ALINE GUERRA SANTOS

QUEM NÃO SONHOU EM SER UMA JOGADORA DE FUTEBOL?

Documentário sobre histórias e vivências de mulheres que jogam futebol

Relatório final de pesquisa apresentado ao curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como exigência para a aprovação na disciplina Exame de Qualificação.

Área de concentração: Tecnologias e Interfaces da Comunicação (TIC).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Raquel Discini de Campos

UBERLÂNDIA

2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 Santos, Aline Guerra, 1993-
2022 Quem não sonhou em ser uma jogadora de
futebol?[recurso eletrônico] : Documentário sobre
histórias e vivências de mulheres que jogam
futebol / Aline Guerra Santos. - 2022.

Orientadora: Raquel Discini de Campos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Tecnologias,
Comunicação e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em:

<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.168> Inclui
bibliografia.

1. Educação. I. Campos, Raquel Discini de, 1975-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e
Educação. III. Título.

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em
Tecnologias, Comunicação e Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: +55 (34)3291-6395 / (34)3291-6396 -
ppgce@faced.ufu.br - www.ppgce.faced.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Mestrado Profissional, número 02/2022/142, PPGCE				
Data:	onze de maio de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14h	Hora de encerramento:	16h
Matrícula do Discente:	12012TCE001				
Nome do Discente:	Aline Guerra Santos				
Título do Trabalho:	Quem não sonhou em ser uma jogadora de futebol? Documentário sobre histórias e vivências de mulheres que jogam futebol				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Infância e feminilidade fotografadas: um estudo dos álbuns ilustrados paulistas (1910-1930).DIRPE/PSFE Nº 0041/2020				

Reuniu-se por web conferência pelo link: <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/sala-raquel-discini-de-campos>, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Vanessa Matos dos Santos - UFU; Vinícius Guedes Pereira de Souza - UFTM; Raquel Discini de Campos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Raquel Discini de Campos apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público (online), e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida eachada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Discini de Campos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 11/03/2022, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º,

§ 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Matos dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 11/03/2022, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º,

§ 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vinicius Guedes Pereira de Souza, Usuário Externo**, em 11/03/2022, às 16:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3433144** eo código CRC **D27CDBF4**.

Referência: Processo nº 23117.016104/2022-

48

SEI nº 3433144

ALINE GUERRA SANTOS

QUEM NÃO SONHOU EM SER UMA JOGADORA DE FUTEBOL?

Documentário sobre histórias e vivências de mulheres que jogam futebol

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Raquel Discini de Campos

(Orientadora – Faculdade de Educação – FACED/UFU)

Prof^a. Dr^a. Vanessa Matos dos Santos

(Examinadora – Faculdade de Educação – FACED/UFU)

Prof. Dr. Vinicius Guedes Pereira de Souza

(Examinador – PPGCOM – UFMT)

Uberlândia, 11 de março de 2022

RESUMO

Esse relatório apresenta a criação de um documentário com a temática do Futebol Feminino, seus personagens, prática e história; além disso procura analisar, apresentar e dissertar sobre a representatividade da modalidade na mídia no decorrer da história. Utilizando conceitos como linguagem e representação e pesquisas sobre gênero e visibilidade das mulheres no esporte e nas plataformas midiáticas. Como funciona a capacidade jornalística de dar atenção a determinadas narrativas históricas, e qual o papel que a mídia assume ao privilegiar indicadas memórias e espaços no lugar de outras.

Palavras-Chave: Futebol Feminino, Estudo de Gênero, Representação Feminina, Estereótipos.

ABSTRACT

This report presents a documentary with the theme of Women's Football, its characters, practice and history; in addition, it seeks to analyze, present and discuss the representation of the modality in the media throughout history. Using concepts such as language and representation and research on gender and visibility of women in sport and media platforms. How does the journalistic capacity to pay attention to certain historical narratives work, and what role does the media assume when privileging indicated memories and spaces in place of others.

Key Words: Female Soccer, Gender Studies, Female Representation, Stereotypes.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Memorial Acadêmico 5

1.2 Introdução 8

2 A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL 14

2.1 A história do futebol feminino no Brasil 19

3 REPRESENTAÇÃO FEMININA 23

4 PRODUTO: O documentário 27

5 CONSIDERAÇÕES 30

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 32

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Memorial Acadêmico

De quando era criança, as memórias mais comuns que tenho ou que todos compartilham sobre mim, são sempre acompanhadas de uma bola. Seja jogando com meus primos na fazenda, assistindo futebol enquanto segurava com fé a imagem de Nossa Senhora Aparecida, com apenas 8 anos de idade, ou até mesmo a insistência para sempre ter uma bola junto quando ia tirar uma foto. O esporte sempre fez parte da minha formação, e isso se refletiu em todas as escolhas acadêmicas e profissionais que tomei desde então.

Quando decidi fazer Jornalismo tinha como intenção trabalhar na área esportiva, quando ingressei na Universidade Federal de Uberlândia em 2012 para cursar o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, tentei seguir esse caminho, o qual me sentia feliz em sempre aprender mais e exercer a função e descortinar este universo.

Já no primeiro ano, junto com colegas de classe, criamos um programa de rádio chamado Esporte Incomum, que semanalmente ia ao ar na rádio do curso, com 60 minutos de duração com notícias, debates e atualizações sobre os esportes da semana. Na época, foi grande o aprendizado e a experiência. Ao longo de quase dois anos, aprendi sobre a prática do jornalismo esportivo, bem como a diferenciação entre um torcedor e um jornalista especializado. Tudo isso foi de extrema importância para a minha formação como profissional.

Nos seguintes anos de faculdade junto com a elaboração de projetos esportivos cresceu também minha paixão pelos audiovisuais, a mescla de informação e arte que inspiram documentários me chamaram a atenção quando cursei a disciplina optativa de audiovisual, e segui aprofundando os estudos no decorrer de semestres. Participei da INTERCOM 2015 concorrendo na categoria Melhor Roteiro de Não-Ficção, com a produção de um material sobre o transporte público de Uberlândia. O produto ficou em primeiro lugar no evento e a experiência me gerou ainda mais vontade de trabalhar com vídeos além do esporte.

Meu trabalho de conclusão de curso foi exatamente uma mistura das duas categorias, esporte e audiovisual. Empreendi a análise da grande reportagem “Mulheres de ouro: A história de uma conquista”, material produzido pelo canal SporTV sobre a medalha de ouro da Seleção Feminina de Vôlei nas olimpíadas de Londres em 2012.

Depois disso segui estudando e envolvida com o universo de documentários, e acredito que todas as referências e tentativas que esse material desenvolvido possui estão nas vozes e obras de grandes cineastas brasileiros que admiro. A narração pessoal e sincera de Petra Costa, a simplicidade e objetividade de Eduardo Coutinho além da alegria criativa e visão de mundo de João Moreira Salles. Capturar os fatos como se fosse uma fotografia, registrando apenas um fragmento da realidade, e mesmo assim fazendo dessa parte um todo completo dentro das possibilidades do registro.

Todos esses parâmetros foram princípios para mim ao pensar na criação de um material audiovisual, além das oportunidades vivas que um roteiro de documentário pode apresentar na construção da narrativa. O imprevisível das entrevistas, lugares e possibilidades estão entre os principais atrativos na minha visão pessoal sobre esse gênero narrativo. Os planos foram muitos até o momento da criação, produção e pós-produção, que vieram com situações de mundo e de condições adversas.

Com a pandemia de COVID-19 vieram as incertezas e dificuldades em trocar momentos, experiências e até mesmo ambientes com outras pessoas. O que complicou a logística de gravações e criações, mas de alguma forma me aproximou mais do cinema simples, onde um cenário que pode conter apenas uma cadeira possibilita um universo de histórias¹. Através do uso da Internet consegui conexões com fontes que talvez não fossem possíveis de maneira presencial, reinventei minha maneira de pensar o audiovisual e senti novas possibilidades de criação.

Pensei que na atualidade em que vivíamos, durante a produção, gravações e edições me sentiria sozinha, mas não me senti. Pertencimento e grupo foram sentimentos que prevaleceram, algo que passei a entender como emoções que predominam entre as mulheres que fizeram parte desse trabalho.

A produção audiovisual muitas das vezes se faz de maneira solitária, os pensamentos, ideias, objetivos ficam dentro da cabeça e à medida que o roteiro vai se formando apenas quem está montando consegue visualizar: o começo, o meio e o fim de uma história. No entanto, no decorrer dessa produção, não estive sozinha. Contei com o apoio moral e muitas vezes físico de pessoas importantíssimas para a realização desse trabalho. Dentre essas pessoas estão as protagonistas desse documentário, mulheres que me proporcionaram muito mais do que se pode ver nesses 26 minutos de vídeo.

¹ “Últimas Conversas” – Eduardo Coutinho – 2015.

Algumas não quiseram aparecer em frente a câmera, respeitei e entendi, e agradei mesmo assim todas as histórias que me contaram nos bastidores, relatos de vidas inteiras entrelaçadas ao futebol, mulheres nos seus 20, 40, 50 anos, que tem muita experiência para ensinar e história para contar sobre a vida e o futebol feminino.

A criação desse material se deu a partir da necessidade e da vontade de manter todas essas histórias vivas e visíveis a todos que tiverem acesso. Levar do Sul de Minas, do interior de São Paulo, do Triângulo Mineiro e até mesmo do antigo continente relatos que encontram o espectador onde ele estiver. Teve muito material coletado que não coube no vídeo, ou que não pode ser registrado por ele, mas em poucas palavras, essa é uma sincera tentativa de fazer dessas mulheres que jogam futebol mais ouvidas.

Deixo aqui meus agradecimentos a todos que ajudaram na construção desse material, seja com o apoio técnico, opinativo e até mesmo como ouvintes dos longos devaneios, sobre as ideias tão grandes que precisavam ser colocadas em um espaço tão pequeno. Rafael, Beatriz, Lúcia Marina, Victoria e Amanda o meu mais sincero obrigada.

1.2 Introdução

Muitas vezes esquecido e visto com um olhar de preconceito, o futebol feminino (FF) sofre com a falta de visibilidade por meio das mídias, gerando desconhecimento e desconfiança por parte do público. O esporte, que foi proibido no Brasil para mulheres por 40 anos² (entre abril de 1941 até 1979), vive à margem da prática masculina, quando se trata de cobertura, apoio, patrocínio e até mesmo respeito para profissionais e fãs. Segundo Goellner (2005), a questão vai além do jornalismo esportivo em si, se tornando uma questão de gênero e representação.

Vários são os argumentos possíveis de serem recrutados para explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro. Para além da justificativa da ausência de patrocínio (...) recorro a dois deles que são facilmente identificados em vários espaços sociais: a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como futebol e as lutas. (GOELLNER, 2005, p. 143).

A hipótese, é de que o futebol feminino não tem a mesma visibilidade e apoio que a prática masculina devido as perspectivas sociais criadas em torno do “papel da mulher” na sociedade (CAMINHA; TEIXEIRA, 2012, p.267); o preconceito e o estereótipo de como essas mulheres deveriam se “portar”, ou quais atividades elas poderiam praticar, ou não, geram expectativas em relação a determinados comportamentos tidos como masculinos ou femininos.

Aqui, destacamos que tratamos do conceito de estereótipo tendo como base os estudos de Marilena Chauí, que o define como um “conjunto de crenças, valores, saberes, atitudes que julgamos naturais, transmitidos de geração em geração sem questionamentos, e nos dá a possibilidade de avaliar e julgar positiva ou negativamente ‘coisas e seres humanos’ (1996, p.116). Com base nisso, a sociedade durante séculos vem construindo esse senso comum sobre ser mulher. O que para a autora é base para discriminação, “quando o senso comum se cristaliza como modo de pensar e de sentir de uma sociedade, forma o sistema de preconceitos” (CHAUI, 1996/1997, p.117).

Todo tipo de estereótipo limita (ADICHIE, 2015), e as representações sociais são

²Decreto-Lei no. 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941 (Brasil, 1941).

espaços de disputa entre grupos sociais, campos de luta de poder e hegemonia, como bem demonstra Chartier (1991). As construções de identidades são resultado da imposição de uma classe que tem poder de sintetizar e dar significado, bem como a capacidade de aceitação ou resistência da coletividade.

(...) de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p.183).

Adiche aponta que precisamos, por isso, oferecer visibilidade e dar voz de maneira mais igualitária para todos os sujeitos sociais. A autora, em uma palestra (e posteriormente no livro “Sejamos todos feministas”) fala sobre os problemas na questão de gênero, e aborda esses temas dizendo “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não fazem parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.” (ADICHIE, 2014, p. 48); pois mesmo que seja um problema estrutural, é preciso fazer um reconhecimento dessas falhas, estudá-las e oferecer alternativas, onde o diálogo possa se fazer presente criando uma maneira justa de representar todos os tipos de mulheres.

O texto de Adichie é uma espécie de manifesto feminista e, portanto, restrito a aquele gênero textual. Sabemos que é justamente a cultura ocidental, estruturalmente patriarcal, que relegou às mulheres de diferentes classes sociais, etnias, graus de letramento e lugares de nascimento papéis diferentes do desempenhado pelos homens num mesmo tempo-espço. Reduzidas a invisibilidade (PERROT, 2019) dentro da história contada em sua maioria pelas figuras masculinas “nos dizem mais sobre os sonhos os medos do artista do que sobre as mulheres reais” (p.17). Seu lugar, seu corpo e ideias demoraram para serem contados e definidos por elas mesmas.

É possível que essa replicação de comportamentos, onde se diminui ou se diferencia toda uma parte da sociedade de determinada prática ou característica seja uma replicação de práticas e simbologias que não cabem mais na realidade brasileira dos dias atuais, ao menos no que diz respeito às demandas dos grupos mais esclarecidos e progressistas da sociedade nacional. É preciso, portanto, repensar e ressignificar práticas e visões de mundo e de representações.

“Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.” (SANTI, SANTI, 2008, p.2)

Um dos caminhos para mudar comportamentos e visões de mundo seria a divulgação midiática, que gera visibilidade e interesse. Prova disso foi a última Copa do Mundo da categoria de futebol feminino, que ocorreu na França entre sete de junho e sete de julho de 2019. O evento se mostrou extremamente rentável, com a maior audiência da história (mais de 19 milhões de espectadores no Brasil durante a final entre Estados Unidos e Holanda), atletas e fãs mostraram que existe sim espaço e procura pelo futebol feminino, com suas histórias, jogos e dia a dia.

O jornalismo “enquanto instância social e processo pedagógico cultural que pode tanto valorizar e legitimar conteúdos, grupos e sujeitos sociais quanto silencia-lós” (JANUÁRIO, 2017, p.40) precisa então voltar sua atenção para a situação atual do futebol feminino, dando espaço para as vozes dessas mulheres vencerem estereótipos e barreiras, lutando contra o silenciamento de suas práticas e individualidades.

“O futebol feminino, de forma geral, sofre cotidianamente pela falta de incentivo e investimentos no esporte. Essa deficiência, que acaba por influenciar no desempenho das atletas em campo, está relacionada a uma cultura sexista, principalmente no Brasil (...). É notória a falta de apoio da mídia em disseminar o esporte, há poucos portais realizando a cobertura dos campeonatos de futebol feminino (...). Urge a necessidade de uma maior visibilidade da prática do esporte por mulheres na cobertura da mídia. A disseminação de um discurso mais equânime acerca da participação de homens e mulheres em um esporte que se configura como fenômeno social e popular, como o futebol, é também promover uma mudança na cultura e na sociedade.” (JANUÁRIO, 2017, p. 40-41).

Os jornalistas têm sua maneira própria de interagir com o seu público. Assim o demonstrou didaticamente Darnton (2018), ao discutir o fato de que jornalistas e leitores (ou expectadores) compartilham de um mesmo “caldo cultural”. Segundo o autor as narrativas jornalísticas são escritas através de convicções pessoais que vão além de fatos e realidades³, a estrutura de contar história muitas das vezes fica limitada ao universo de quem escreve, aos editores, colegas de redação e até outras mídias. Seria então o “discurso

³ Conexões da História – Entrevista de Robert Darnton a revista Cult, 2018: http://www.gunteraxt.com/pdf/entrevista_darnton.pdf Acesso: 18 de Julho, 2021.

dos vencedores” compartilhado por um mesmo grupo social, não buscando por outros pontos de vista.

Se como diz Darnton (2018), o jornalista conta a História do Presente, com isso a linguagem e aparatos precisam estar preparadas para as variedades de pessoas e grupos sociais. O futebol feminino como prática e estrutura existe e representa grande parte de mulheres, e se essa realidade já existe não se precisa esperar novos adeptos, mas sim dar abertura para os que já existem. Isso faz parte da formação de novas identidades, não somente no reforço das que já existem.

Na fala de Stuart Hall (1997), onde o autor define a representação como símbolos que agem como formas de classificar o mundo a nossa volta e nossas relações interpessoais, muito pode ser discutido sobre essa visão ímpar de como somos e como devemos nos comportar. Qual seria a base para construção dessas identidades, o que torna um comportamento “natural” para determinado gênero e barreira para outro? A realidade seria de que a identidade seria exclusiva, o que pertence a uma não pode ser vista como característica real no outro.

A identidade do sujeito é definida historicamente, é uma formação com perspectivas de diferentes experiências e não pode ser considerada unilateralmente. Enquanto houver diferentes pessoas com vivências e influências diferentes a cultura se adapta e a representatividade é atualizada e precisa ser construída com base nessa realidade social.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2000, p. 12).

Logo, no futebol, que pode ser considerado como “uma prática cultural que faz circular diferentes pedagogias, ensina comportamentos, valores, modos de ser e de estar no mundo.” (BANDEIRA; SEFFNER, 2018, p.5), por que não abrir novas perspectivas para enxergar o papel de qualquer indivíduo na sociedade? Seja dentro de campo, na arquibancada ou em qualquer lugar que se esteja; representar é dialogar e reconstruir perspectivas históricas do certo e errado.

Reproduzir discursos e não discutir seus significados e simbolismos, deixa de gerar novas perspectivas da realidade e no avanço dos estudos culturais e sociais. O

sujeito interpreta e reproduz (HALL, 1997), toma para si essa realidade, o que torna a cultura de extrema importância para a estruturação e organização da sociedade atual. É preciso ressignificar para atualizar a própria cultura: viva e dinâmica.

[...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (HALL, 1997, p. 16).

Com o tempo inúmeras sociedades se transformaram, tanto tecnologicamente quanto em relação a valores e hábitos. No entanto, é inegável o impacto experimentado nas últimas décadas na maneira de viver e de agir das pessoas das sociedades ocidentais - e no esporte isso não é diferente. A presença da mulher que já é grande e real nas arquibancadas e nos campos é um símbolo de significado claro. A maneira como são representadas é forma de gerar precedentes e histórico do presente e passado. Como isso deve ser abordado é assunto atual para muitas mídias sejam elas jornalísticas ou não.

Representar muitas vezes não é apenas se identificar, é observar, tomar partido e gerar conteúdo novo pensando em novos grupos e novas realidades (BANDEIRA; SEFFNER, 2018). Visualizar novas realidades, diferentes das existentes ou das comuns, é dar voz e aceitar novos modos de existência possíveis.

O que para Stuart Hall é a nova geração de símbolos e processos que criam identidades sociais.

[...] O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 2000).

Ou seja, é preciso se “enxergar” para fazer existir, para dar visibilidade e voz. Portanto, mostrar o que é considerado “diferente” abre visões e aceitações necessárias para sujeitos se identificarem culturalmente, e representarem outros modos de existir por vias midiáticas e públicas. Novas representações de identidades surgem de diálogos e novas perspectivas culturais. Mudanças históricas no cenário do futebol já existem e as mulheres seguem buscando reconhecimento, respeito e seu lugar. Não são menos espaços para outros, porém ambientes para todos.

Com essas perspectivas em vista, esse trabalho desenvolveu um produto audiovisual que mostra histórias e opiniões de mulheres que jogam futebol. É discutido a prática, suas protagonistas e coadjuvantes além de vários outros aspectos que fazem parte desse universo. Debatendo temáticas variadas (mídia, preconceito, desenvolvimento), a linguagem e estrutura de um documentário serão presentes.

A intenção é divulgar o futebol feminino, criando um espaço para ouvir a voz de quem pratica, apoia, assiste; mostrando as diferentes realidades e motivações. Promovendo mais produções sobre mulheres no esporte, produzido e construído através das perspectivas de outras mulheres, colaborando cada vez mais sobre as discussões acerca do significado plural das mulheres em todos os lugares que elas ocupam.

2 A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL

Com propriedade não se sabe dizer quando ou onde o futebol foi criado, mas historiadores (ABRUCIO; MASSARANI, 2010) acreditam que os primeiros indícios de algo parecido com o esporte que temos hoje foi o Tsu-chu, termo que em chinês significa chutar a bola; praticado na província de Linzi há mais de 2.000 anos antes de Cristo. No começo a prática, que utilizava o crânio dos adversários, era como treinamento aos soldados; mas com o tempo, e a introdução de uma bola de bambu, foi se popularizando entre nobres e outros membros da população.

Em outras partes do mundo, práticas semelhantes também foram surgindo durante os séculos. Na América Central, povos como os Maias, Zapotecas e Astecas, possuem desenhos e palavras que apontam jogos com variações de características que podem remeter ao futebol (ABRUCIO; MASSARANI, 2010). A bola de borracha, feita de vegetais, poderia chegar a mais de três quilos, e os jogadores usavam proteções como cinturões de couro e protetores nas coxas e joelhos, além de luvas.

Várias teorias levam a acreditar que as disputas envolviam grandes grupos de guerreiros e era considerada uma “atividade sagrada, um ritual religioso, em que cabeças cortadas eram oferecidas como presente aos deuses.” (ABRUCIO; MASSARANI, 2010, pg.13). Os vencedores que eram decapitados, pois tinham como grande honra passar para outra vida por intermédio de um jogo considerado socialmente como tão importante, significativo, ritualístico.

Na Europa algumas práticas também com características do futebol moderno existiram em países como Grécia, França e Itália; além da Inglaterra que popularizou e criou o esporte como o conhecemos e é praticado nos dias de hoje. O uso da bola, o objetivo do gol, e a divisão em equipes já eram fundamentos básicos nos jogos.

A prática com diversos jogadores de cada lado e o objetivo de se chegar ao gol era muito popular entre os imperadores romanos, para manter a boa forma de seus soldados (ABRUCIO; MASSARANI, 2010). Mas, assim como a prática chinesa, a violência muitas vezes gerava muitos feridos e até mortes. Na Itália, o futebol foi começando a tomar forma parecida com a popular hoje anos depois da consolidação na Inglaterra e no mundo. O esporte se fez popular nas ruas de Florença e outras cidades italianas.

Era o *giuoco di calcio* (em português, jogo de chute). (...) Cada equipe tinha 27 jogadores, uniformizados com cores alegres, divididos em 4 setores: 3 zagueiros recuados, 4 zagueiros avançados, 5 médios e 15 atacantes. Era um verdadeiro espetáculo. (ABRUCIO; MASSARANI, 2010, pg. 17)

Na Inglaterra, ainda no século XVII⁴, o futebol sem as regras e a popularidade que conhecemos hoje ficou conhecido por ser violento e chegou a ser proibido pelo rei Eduardo II em 1314 por esse motivo. A prática nunca foi realmente exterminada, e mesmo não aceita pelas elites do país o jogo seguiu vivo entre as classes populares.

Foi apenas em 1660, que o rei Carlos II permitiu que o futebol voltasse a ser praticado legalmente no país. Com isso a prática se fez popular principalmente nos colégios entre os estudantes (ABRUCIO; MASSARANI, 2010), mas sem muitas regras, em algumas escolas os alunos até carregavam a bola com as mãos, prática que levou a criação do Rugby.

Com o tempo, o futebol foi ficando mais popular e as regras começaram a ser criadas, moldando e significando o esporte como ele é jogado pelo mundo até os dias atuais. Mas foi apenas em 1863 que o esporte foi mais profissionalizado, com cartilha oficial de regulamentos, que não sofreu muitas modificações desde então.

O principal responsável por isso foi Ebenezer Cobb Morley. (...) ele propôs em 1863, a criação de um grupo que definisse a forma como se jogaria (...) Foi Morley, por sinal, quem escreveu a primeira versão das regras do futebol que, aliás, não eram as 17 que hoje conhecemos, mas sim apenas 13 – impedimentos, árbitro, tempo de jogo e pênalti surgiram apenas algum tempo depois. As decisões desse patrono do futebol moderno foram adotadas pela FIFA logo quando se deu sua criação, em 1904. (TREVISAM, 2019, pg.13)

No Brasil, também há indícios de jogos com bola, antes mesmo de o futebol oficial ser introduzido a população. “O *xikunahity*, “futebol de cabeça,” por exemplo, é até hoje uma grande diversão para os índios que moram no norte do Mato Grosso, principalmente os Parecî” (ABRUCIO; MASSARANI, 2010, pg. 19); a partida dura em média de 30 a 50 minutos e não se pode usar os pés para conduzir a bola. Existem também, informações de etnias que jogavam com os pés, de maneira muito parecida com o jogo conhecido por todos hoje.

Oficialmente, o esporte só chegou ao país em 1894 (TREVISAN, 2019) com o paulista Charles Miller. Filho de pai escocês, que veio trabalhar no Brasil na construção da primeira ferrovia do estado de São Paulo, Charles foi viver na Inglaterra aos 10 anos para estudar, e lá foi introduzido à prática do futebol. Após uma década estudando em

⁴ História do Futebol – Brasil Escola: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm> Visitado em Jan, 2021.

terras inglesas, e depois de ter jogado em clubes profissionais, em sua volta, introduziu a realidade do esporte que aprendera com os que conhecia. Conforme informa Trevisan (2019, p. 15)

(...) trouxe em sua bagagem duas bolas, que ganhou de presente de um companheiro de Southampton, um dos clubes em que jogou na Europa, um par de chuteiras, alguns uniformes usados, uma bomba de ar e um livro com as regras do esporte que conhecera e pelo qual se apaixonara. Porém, muito mais importante que tudo isso, ele trazia o sonho de tornar o futebol uma paixão nacional. (TREVISAN, 2019, p. 15)

Em 1895, com seu empenho, conseguiu organizar a primeira partida oficial de futebol no Brasil (TREVISAN, 2019, p. 15). Na ocasião, o São Paulo Railway Company venceu o Gas Company of São Paulo, pelo placar de 4 a 2. Depois disso, Miller ainda ajudou na criação da Liga Paulista e de outros torneios. Faleceu aos 78 anos, após ter sido jogador, árbitro e percursor do esporte no cotidiano do brasileiro.

Porém, no início, “o futebol era um esporte para ricos e brancos no Brasil” (ABRUCIO; MASSARANI, 2010, p. 20), os clubes criados assim como seus atletas e torcedores pertenciam as altas classes do país. De maneira velada, e as vezes explicita, esses lugares vetavam a participação dos membros das classes operárias, das diferentes etnias que constitutivamente compuseram o tecido social nacional, bem como de mulheres. Quanto a estas últimas poderiam, eventualmente, compor apenas a torcida.

Diferente do que acontecia na Inglaterra, onde o futebol trazia toda a raiva, presença e crescimento da classe operária (GUTERMAN, 2009). No país inglês o esporte era visto como algo que pertencia as classes mais baixas e era jogado de maneira clandestina, escondido dos grandes grupos de poder econômico. “No Brasil, por outro lado, o pedigree elitista do futebol permeava tudo, inclusive a estrutura do esporte.” (p.17), nascia no Brasil, uma maneira diferente de ver e praticar o desporto com a bola nos pés.

Mesmo assim, o futebol seguia existindo nos bairros mais pobres das capitais quanto do interior do Brasil, entre trabalhadores de fábricas, operários e pobres. Alguns times, como a Ponte Preta paulista, Bangu e Vasco da Gama do Rio de Janeiro, já mostravam procedimentos diferentes dos times do restante do país, montando equipes com “a presença de negros e mestiços entre os jogadores de futebol, assim como a de pobres ou mesmo integrantes de uma incipiente classe média, e incomodava a elite branca.” (TREVISAN, 2019, p. 16).

Por isso, em dezembro de 1917, o *Diário Oficial Carioca* divulgou a Lei do Amadorismo, que afirmava: “Não poderão ser registrados como atletas os que tirem os meios de subsistência de profissão braçal, aqueles que exerçam profissão humilhantes (que lhes permitam recebimento de gorjetas), os analfabetos e os que, mesmo que se enquadrem nas condições citadas, estejam abaixo do nível moral exigido pelo Conselho Superior de Esportes”. Em outras palavras: pretos e pobres, fora! (...) Se ainda hoje há casos explícitos de racismo no futebol, imaginem então o que não acontecia há 100 anos... (TREVISAN, 2019. p. 16)

Apesar desse cenário, o futebol seguiu crescendo entre o povo brasileiro, criando histórias e vínculos, até se tornar um de nossos “símbolos nacionais” (ABRUCIO; MASSARANI, 2010, pg. 24). Desde sua chegada, o esporte assumiu diversos papéis no país, entre atividade da elite, distração popular, espaço de integração social, de paixão dos torcedores, de objeto político, arte e até negócio multimilionário como se pode analisar a partir de fins do século XX.

Primeiro como símbolo da elite brasileira, até desconstruir os muros invisíveis e visíveis que impediam o acesso popular, o futebol “é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade nacional e consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros.” (GUTERMAN, 2009, p.10). A capacidade de entreter, alienar e gerar conhecimento, tudo ao mesmo tempo, faz desse esporte uma fonte imprevisível e inesgotável de mudanças.

O que pesquisadores, historiadores e público concordam é sobre a importância do futebol na história e nas representações do país. Foi considerado cartão de visitas e síntese da imagem nacional mais vendida e creditada (TREVISAN, 2019). Podemos afirmar que a construção da identidade nacional passou pela afirmação do esporte no país.⁵ E as mulheres, não são indiferentes a temática do futebol. Em meio a proibições e preconceitos variados, o futebol feminino resistiu, construiu uma história própria e ainda hoje luta por legitimidade.

São tantos os lugares marginais nos quais as mulheres orbitaram quando pensamos nas representações construídas em torno do amálgama mulher e futebol: a voluptuosa que

⁵ Atualmente o governo brasileiro apoiou a realização de um torneio continental no país, mesmo enfrentando sua maior crise sanitária dos últimos anos. O que segundo Philipp Lichterbeck serviu como estratégia política, “pois eventos esportivos são ótimos para distrair a atenção de problemas” - **Opinião | Copa América: um torneio na hora errada, no lugar errado:** <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/03/opinio-copa-america-um-torneio-na-hora-errada-no-lugar-errado>

serve cerveja para os homens enquanto eles assistem uma partida, ou o fato de que se a mulher realmente se interessa pelo assunto e o entende isso indica algo sobre sua sexualidade⁶. O que realmente faz um sujeito interessado em futebol e conhecedor dele? Não bastaria acompanhar partidas e dedicar seu tempo em função da modalidade?

A mulher é cercada por expectativas e preconceitos quando se diz respeito ao seu envolvimento com o futebol, muita das vezes não existe a procura por se conhecer os reais interesses e fatos acerca do indivíduo e sua relação com o esporte para além de sua identidade de gênero. O que faz alguém apto a praticar uma determinada modalidade ou conhecedor dela, são determinadas características que se aplicam tanto a mulheres quanto a homens.

A seguir trataremos sobre a história do futebol feminino. Além disso, pensaremos em como essas mulheres foram representadas e tratadas pela mídia e pelos torcedores, desde o seu surgimento como subcampo do futebol masculino até os dias atuais. Refletindo sobre os caminhos que essa prática já seguiu e tenta seguir até hoje em nome da igualdade de tratamento e oportunidades dentro do esporte mais popular do país.

⁶ Estereótipo da mulher jogadora e/ou fã de futebol lésbica.

2.1 – A história do futebol feminino no Brasil

Após enfrentar anos de proibição, o futebol feminino no Brasil foi se consolidando e foi efetivamente regulamentado no início dos anos de 1980 (DARIDO, 2002). Através de competições nacionais e internacionais, clubes, em grande maioria cariocas, acumularam títulos e vitórias. O time Radar, na época garantiu projeção para o esporte, impulsionando a criação de novas equipes femininas; com isso a CBF⁷ chegou a ter cadastrado em seu banco de dados 2 mil clubes e por volta de 40 mil jogadoras.

Apesar da “explosão” da prática feminina, “o ano de 1988 marcou também o início da decadência do Radar e, com ele, do futebol feminino do Brasil” (DARIDO; 2002 p. 3). Apenas com o interesse em participar de competições FIFA⁸, e a introdução da modalidade feminina nas Olimpíadas de Atlanta em 1996, é que a entidade brasileira buscou a reabilitação da prática profissional.

Darido (2002), explica que o futebol feminino se tornou uma realidade presente nas emissoras de TV no Brasil dos anos 80 em função de questões econômicas. Sua exibição gerou renda e cobriu espaços da programação da TV Bandeirantes, então marcadamente ligada a programação esportiva. Portanto, o foco não era apenas divulgação do esporte em si, ou tentativa de romper com a visão sexista que a modalidade enfrentou no início de sua trajetória.

Em meados da década de 80, a televisão passou a exibir os jogos de futebol feminino, pois, como afirmou Kenski (1995), o esporte é um ótimo investimento, já que o espetáculo é fácil de ser produzido, os cenários e atletas já estão preparados e custa pouco para os investidores, sendo que, para a mídia em geral, o esporte é uma fonte inesgotável de notícias, de público e de lucro. A Rede Bandeirantes detinha na época uma grande quantidade de espaço dedicado ao esporte. Considerando que o futebol masculino é disputado por diferentes redes a um custo mais alto, a emissora, para preencher os espaços destinados ao esporte, abriu oportunidades para o futebol feminino na televisão (DARIDO; 2002 pg 3.)

Esse interesse parcial da mídia no futebol feminino foi uma causa importante da falta de divulgação. A trajetória do FF se mistura com a história de afirmação e padrão de certo tipo de “feminilidade” (MOURÃO, MOREL, 2005). Na busca por “padronizar” as chamadas “musas” do esporte, acabaram “marginalizando e inibindo ainda mais a prática,

⁷ Confederação Brasileira de Futebol.

⁸ Fédération Internationale de Football Association

por mulheres, de um esporte essencialmente rotulado como masculino” (MOURÃO, MOREL, 2005, pg 80).

As mídias então, começaram suas narrativas sobre padrão estético idealizado, deixando as análises técnicas e o jogo para segundo plano. Assim como a divulgação e a popularização gerada pelos veículos de comunicação no início dos anos de 1980, os estigmas e os estereótipos também fazem parte dessa história. Algumas dessas linguagens viraram sinônimo da prática, ainda atualmente.

As mensagens e significados do “quarto poder”, mesmo nas metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência, tornam a linguagem seletiva para o público destinatário, que constrói e/ou reforça estereótipos, polêmicas, interdições e normatizações acerca da prática do FF. (MOURÃO, MOREL, 2005, pg. 84)

A partir dessa escolha de narrativa acerca do Futebol Feminino, se fez mais presente a luta das jogadoras em “repudiar” esse tipo de imagem, preconceitos e estereótipos (MOURÃO; MOREL, 2005); e mesmo com a Seleção Feminina crescendo no âmbito esportivo essa batalha entre respeito e espetáculo de beleza se faz presente.

No mundial de futebol feminino dos Estados Unidos em 2003, a Seleção mais uma vez se viu colocada em uma situação em que o marketing e a imagem das jogadoras ganhavam mais repercussão e mídia do que os próprios jogos e campeonato. A convocação da meio-campista⁹ Milene Domingues gerou debates e discussões na época, sobre o intuito de mais uma vez criar um perfil “adequado” para essas atletas.

O chefe da delegação brasileira assume, na sua declaração, que a jogadora Milene foi convocada devido a uma estratégia de marketing pela sua ligação matrimonial com o jogador Ronaldo. Sua presença não se faz pelo critério técnico, relegado a segundo plano. Há, então, no selecionado feminino uma inversão de valores. É convencional convocar uma seleção a partir de escolhas feitas com critérios objetivos, tais como refinamento técnico, habilidade, performance atlética e condicionamento físico. Mas na seleção feminina de futebol, recorrer ao critério de marketing é muito importante para a sua manutenção. Essa estratégia, declarada pelo chefe da delegação brasileira, legitima o efeito “sanfona” como metáfora da situação do FF no Brasil. (MOURÃO; MOREL, 2005, pg.83)

Essa prática “contribuiu alavancando o esporte, e o tornando vulnerável” (MOURÃO; MOREL, 2005, pg. 84), essas oscilações na construção da imagem das jogadoras reforçam a história de que “o futebol feminino não tem vez na cultura desse

⁹ Posição que ocupa o meio do campo durante o jogo de futebol.

esporte no Brasil”. O trabalho da mídia que dá espaço, mas ao mesmo tempo mistifica e cria estigmas sociais confunde sinais ao chegar ao público destinatário.

A narrativa escolhida, o espaço de transmissões, as discussões são todos geradores de público e de percepções sobre como essa audiência classifica e enxerga a prática do futebol feminino. Nesse momento, cabe também o papel da mídia especializada, do jornalismo esportivo e da ação que desenvolvem nesse universo. Rossi (2007, pg 71) fala sobre a necessidade da melhor preparação dos profissionais frente as diferentes circunstâncias e especialidades, “a fórmula correta para a boa informação jornalística deveria ser a especialização dos jornalistas e não apenas especialistas praticando jornalismo”.

E apesar de complexo, o investimento nesses profissionais permite que as modalidades sejam melhores apresentadas e representadas ao público, de maneira a desmistificar os papéis sociais, que como no futebol feminino, é grande gerador de preconceito.

Contra esses obstáculos, cabem duas atitudes diametralmente opostas: o conformismo a aceitação passiva de que as coisas são assim mesmo e nada é possível fazer, ou a luta pela permanente atualização, a busca obsessiva pela complementação de conhecimentos, de cultura ou de informação. É óbvia que só a segunda é correta. (ROSSI, 2007, pg.69)

Se investimento gera visibilidade e retorno, a mudança necessária não seria apenas nas estruturas do futebol nacional, com estruturação de categorias de base e profissionalização das atletas, mas viria também das origens da exposição de como a informação e a divulgação é utilizada e aplicada. Ainda que com pouca visibilidade e vivendo no que Goellner (2005) chama de “sombras dessa invisibilidade”, o futebol feminino protagoniza histórias além dos fragmentos mostrados pelas mídias.

A Seleção Brasileira, desde sua primeira partida em 1986, uma derrota para os Estados Unidos por 2 a 1, tem história longa de conquistas e participações históricas tanto em Copas do Mundo quanto em Olimpíadas. O time esteve presente em todos os oito mundiais da categoria, tendo como melhor resultados o segundo lugar em 2007 e o terceiro em 1999. Também participou de todos os jogos olímpicos desde a inserção da modalidade feminina em Atlanta 1996, e já são duas medalhas de prata (2004, 2008).

E apesar de ser midiaticamente sempre representada pela importância e talento de Marta¹⁰, a seleção brasileira tem em sua história jogadoras como Formiga, que é a atleta

¹⁰ Considerada pela Fifa 6 vezes melhor jogadora do mundo (2006, 2007, 2008, 2009, 2018). Maior

com mais participações em Copa do Mundo (entre homens e mulheres), esteve presente em sete edições consecutivas do maior evento do futebol. Outra figura importante foi Sissi, presente na formação da primeira equipe feminina a representar o Brasil, a jogadora que é por muitas vezes referida como “a imperatriz da bola” representou o futebol de mulheres em época que o espaço, qualificação e reconhecimento eram ainda menores¹¹.

Outras jogadoras, como a ex-zagueira¹² Aline Pellegrino, que foi vice-campeã da Copa de 2007 e conquistou medalha de prata com a Seleção nas Olimpíadas de Atenas em 2004, atua hoje nos bastidores do FF ajudando a alavancar a modalidade no país. Depois de se aposentar do esporte em 2013 Aline trabalhou como treinadora, e hoje é coordenadora de Futebol Feminino da CBF, a primeira mulher a ocupar esse cargo na instituição.

No total a Seleção Feminina possui sete títulos de Copa América (1991, 1995, 1998, 2003, 2010, 2014 e 2018), três ouros em Jogos Pan-Americanos (2003, 2007, 2015), uma prata (2011) e um bronze (2014), além das medalhas olímpicas e final de mundial. São muitas gerações de talento e trabalho que por vezes passaram despercebidos ou fora dos holofotes midiáticos e radares de torcedores.

Nos últimos anos a cobertura televisiva de partidas e campeonatos vêm crescendo de maneira detida, porém regular. Canais de televisão por assinatura muitas das vezes transmitem retas finais de competições nacionais e até mesmo continentais, como a Copa Libertadores da América, que teve transmissão completa pelos Canais Disney (FOX e ESPN) no ano de 2021.

No ano de 2022, a Rede Globo de televisão fechou contrato com a CBF para transmitir jogos de torneios femininos; Campeonato Brasileiro, Supercopa Feminina e ainda amistosos da Seleção principal. Além da transmissão nos canais por assinatura SPORTV, algumas partidas terão cobertura da Tv aberta, trazendo assim, a modalidade para perto da população de modo geral.

artilheira da história das Copas Femininas, com 17 gols.

¹¹ “Sissi, a Imperatriz: entrevista com Sisleide Lima do Amor” – Entrevista concedida a Silvana Goellner em 2015: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/15392>

¹² Posição que atua pela defesa da equipe de futebol.

3 REPRESENTAÇÃO FEMININA

A representação feminina hoje em parte dos produtos mercadológicos, especificamente das produções esportivas, como cobertura de eventos, notícias, comentários, é muitas vezes uma visão pouco nuançada do que é ser mulher e de como esse sujeito se comporta e o que se é esperado dele. Em estudo recente promovido pela UNESCO¹³ foi mostrado que apenas 4% da cobertura esportiva nas mídias é sobre a prática por mulheres¹⁴.

Se existe um espaço midiático reservado para a cobertura, análise e divulgação de esportes, e ao mesmo tempo mulheres que compartilham desse universo (sejam elas atletas, jornalistas ou fãs) por que elas não estão inseridas no discurso de divulgação?

Ainda nos anos de 1980 Michelle Perrot já questionava se seria possível uma história das mulheres, seja ela narrada ou vivida por elas mesmas, ou se existiria espaço para essa realidade historicamente e também culturalmente. “Mulheres não vivem isoladas em ilhas” (RAGO, 1998, p.1), elas interagem entre si e com homens tanto na esfera privada como na pública, com isso existem memórias, fatos e conhecimento adquirido e produzido através de suas perspectivas.

No futebol, como essas mulheres são vistas e apresentadas quase nunca é a realidade na qual vivem e são. É preciso questionar e se desprender dos padrões pré-estabelecidos do que as mulheres podem ou não fazer, ou que lugares frequentar (JANUÁRIO, 2017).

As masculinidades e feminilidades são construídas simultaneamente em dois campos relativos às relações de poder: nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade). E, por esses fatores, as características impostas ao feminino estiveram tão distantes de arenas esportivas como o futebol. Delimitar certos ambientes como impróprios para as mulheres é um claro mecanismo de disciplina, coerção e poder. (JANUÁRIO, 2017, p.29-30)

Há que se dialogar com as representações femininas no futebol, tentando esclarecer mitos. Ser mulher é um símbolo, e a construção individual do ser depende também da própria perspectiva (BUTLER, 2003); condicionantes de classe, etnia e

¹³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

¹⁴ De toda cobertura esportiva mundial, apenas 4% do espaço é dedicado às modalidades femininas, diz Unesco:<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/toda-cobertura-esportiva-mundial- apenas-espaço-dedicado-modalidades-femininas-diz-unesco.html>

geração, dentre outros, que determinam experiências sociais de gênero, podendo afetar a maneira de se perceber e identificar. Por essas razões ser mulher é algo plural e não singular, e quando o assunto é cultura e ser representada não existe apenas uma única verdade ou realidade.

A representação pode proporcionar visibilidade e legitimidade (RIBEIRO, 2015), mas também pode criar falsos padrões de realidade se baseado em apenas um ponto de vista, podendo “distorcer o que é considerado verdadeiro sobre a categoria das mulheres.” (RIBEIRO; 2015, p.29). A maneira como elas são retratadas muitas vezes parte de uma falha na desmistificação de vários fatores, dentre eles a própria feminilidade e papel desse gênero na sociedade em suas relações pessoais e com o mundo.

Sobre essa imagem de feminilidade construída principalmente por intermédio de discursos masculinos, Simone de Beauvoir afirma que em nossa cultura a maneira como o feminino é construído vem das experiências e afirmações do homem, o que transforma a mulher em um vislumbre visto através de um ponto de vista que não é o seu. Rago (2019) fala sobre a necessidade e caminhada histórica de se criar espaços sociais e condições relativas para que as mulheres se libertem dos modelos tradicionais de feminilidades construídos histórica e socialmente no decorrer dos anos, “recusando uma identidade definida pelo dispositivo do saber-poder classicista e sexista”.

O feminino aparece muitas das vezes nos discursos que circulam socialmente como uma contraposto ao masculino, ou seja, exercer feminilidade viria de um lugar de oposição. Trata-se de ideia equivocada, estigmas aos sujeitos que tentam performar qualquer papel que lhe é imposto ao não se enxergar no que é considerado “certo”. A representação é uma questão cultural e de identidade, e o estudo de gênero trabalha com todas essas vertentes. Essas demandas, pontuadas por Scavone (2008) mostram a importância das teorias feministas e das discussões com essas temáticas.

Questões sociais e problemas sociológicos caminham juntos. Assim, os problemas relacionados ao trabalho, à saúde, à política, à educação, à família, à religião, à violência, às ciências, à cultura, à identidade, ao corpo, às tecnologias produtivas e reprodutivas, e à sexualidade passaram a ser tratados com o ‘olhar de gênero’. E foi esse olhar que deu visibilidade às relações de dominação e poder que dividem o mundo social em gêneros e que questionaram uma ordem sexual tida como natural. Como explicar a ausência das mulheres na política? Ou então, por que a educação familiar e escolar define e reitera funções e ‘papéis’ sociais sexuados? E por que a recorrência da violência de gênero, da sexualidade domesticada, da identidade enclausurada? (SCAVONE, 2008; p.178)

O futebol por sua vez, marcado pelo histórico masculino e masculinizador tende a se manter nesse ponto de vista ainda hoje. O fato de se utilizar o esporte como forma de prevalecer e reforçar a estética de força e masculinidade supostamente necessárias em um homem, é algo histórico que ainda hoje vive através de sujeitos e culturas. A análise de Hall deixa claro também que esses conceitos são significados culturais fortes, que ditam comportamentos e maneiras de enxergar a própria identidade. Muitas vezes criticar, diminuir ou mesmo ridicularizar a prática futebolística feminina é uma forma de reforçar essa associação entre virilidade e esporte.

Apesar disso, o futebol segue se transformando, a grande participação das mulheres nesse universo é prova disso. Em campo e fora dele, essas discussões vem fazendo parte dos ambientes e das procuras por solução e renovação. A cobertura jornalística de eventos e equipes muitas vezes considerada ainda tímida, procura seu público para criar seguimentos.

Muito disso tem a ver com a “virada cultural” que Stuart Hall explica como uma transformação de sentidos e modificou os significados já existentes na cultura para grupos e indivíduos de determinada época. As práticas mudaram, e com isso as representações já não se encaixam totalmente nas necessidades anteriores.

Nós começamos com uma definição bem simples de representação. Trata-se do processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (..) para produzir sentido. Desde já, essa definição carrega a importante premissa de que coisas - objetos, pessoas, eventos do mundo - não possuem, neles mesmos, nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós - na sociedade, dentro das culturas humanas - que fazemos as coisas terem sentido, que lhe damos significado. Sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão, de uma cultura ou período ao outro. (HALL, 2016, p.108)

Se é através da representação e da linguagem que criamos significados, é preciso o exercício de criação de novos caminhos para explorar as versões que ainda permanecem encobertas. Exercitar a visualização de novas perspectivas configura na representação que discutimos no futebol feminino, ou das mulheres em geral em qualquer âmbito social.

Para manter uma cultura viva, é preciso a manutenção e criação constante de linguagem, símbolos e significados que abrange toda a realidade. E a representação é parte dessa forma de expressar o que acontece e o que faz o sujeito seja individualmente ou pertencente a um determinado grupo.

A mulher no futebol é uma realidade, representar, mostrar, dar espaço apenas valida o que já existe. A importância é fazer com que esse “significado” chegue até o

máximo de pessoas, para que assim se torne “real” pela divulgação e propagação. O que não é linguagem não é reconhecido como signo de existência e muitas vezes não é sequer percebido. Por isso advoga-se a importância da representatividade de todos os grupos.

4- **PRODUTO: O documentário**

A pesquisa bibliográfica realizada serviu como auxílio e guia para a produção do material audiovisual, que conta com o total de 26 minutos e 43 segundos, trazendo depoimentos e histórias de mulheres que jogam futebol e contam suas experiências e desejos para o futuro da modalidade. A proposta do produto é criar uma plataforma, um canal onde as vozes e opiniões de jogadoras, profissionais ou não, fossem ouvidas. A principal ideia é que as protagonistas ditassem o tom das conversas e temas, colocando o que é importante ser ressaltado sobre a prática.

Com a proposta definida, o primeiro passo da pré-produção foi começar uma pesquisa sobre o tema, personagens e materiais já existentes para definir as principais hipóteses do documentário (SOARES, 2007). Os assuntos recorrentes nas análises foram a falta de apoio da mídia e patrocinadores, preconceito de gênero e os avanços do futebol feminino nos últimos anos. Foi decidido então que entrevistas e estrutura do material seriam pautadas nesses pontos principais, procurando ouvir opiniões e experiências das protagonistas com os tópicos.

Após isso deram-se início as pré-entrevistas “que são úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme” (SOARES, 2007, p.87). Conversas com o coordenador Alexandre Dumas, do projeto “Divas do Dom Almir” foram realizadas, foram acordadas visitas aos treinamentos e a jogos, que pelo decorrer da pandemia de COVID-19 foram adiadas e acabaram por não acontecer. Houve então o convite por meio do Alexandre para um jogo amistoso, onde jogadoras de outras equipes foram abordadas e convidadas a participar do material.

Outros personagens foram selecionados através de mensagens enviadas pelas redes sociais, para jogadoras profissionais; e contato com Amanda Santos, do município de Carmo do Rio Claro, sul de Minas Gerais, membro da equipe SEC, que fez a ponte entre jogadoras. Indicações de mulheres que jogam futebol por meio de colegas também foram estudadas, algumas delas com participação no presente produto.

Com o início das filmagens, outras decisões técnicas foram tomadas, as locações e como seriam feitas as gravações passaram por planejamento criativo, mas também financeiro. Algumas entrevistas foram feitas de maneira remota, através da internet, em decorrência do local onde estavam as personagens (uma delas, inclusive, se encontra fora do país) e outras in loco, com o deslocamento até as entrevistadas.

Toda filmagem implica em gastos de produção: câmera, filme, equipe etc. Limitações orçamentárias refletem em limitações de suporte de registro. As limitações de suporte de registro, obriga ao cinegrafista e ao diretor fazer escolhas de filmagem: o que filmar? (...) A elaboração de esquemas mínimos para o planejamento de filmagem depende, é claro, de um conhecimento prévio daquilo que está por vir. Esse conhecimento, resultado de pesquisa, orienta o diretor quanto ao que de fato é mais importante a ser filmado dentro de uma concepção preestabelecida para o filme, sua hipótese de trabalho. Esquemas mínimos não garantem controle total, ou parcial, da produção do filme, estabelece apenas algumas prerrogativas básicas como mapas que orientam um caminho. Situações imprevistas, obstáculos à filmagem, mudanças abruptas de rumo podem ocorrer e nenhum esquema é capaz de prever tais incidentes com segurança absoluta. (SOARES, 2007, p. 58-60.

Os primeiros registros em vídeo foram feitos em um jogo amistoso entre Divas do Dom Almir e Amazonas, partida realizada no bairro Shopping Park da cidade de Uberlândia em Minas Gerais. Os equipamentos, todos pertencentes a realizadora do projeto, constituíam de uma câmera Nikon D3.400 e uma lente simples 18 por 55mm, além de um tripé. Após conversas com jogadoras de ambos os times, entrevistas foram gravadas do lado de fora do ginásio e depois feitas imagens da partida daquele dia.

Apareceu então a oportunidade de gravar com o time SEC da cidade do Carmo do Rio Claro, Minas Gerais. No total foram cinco dias no município, visitas a quadra onde a equipe treinava e conversas com jogadoras e a treinadora Jenifer Silva. Também foram gravadas entrevistas com quem se disponibilizou a aparecer em frente às câmeras, além de imagens de partidas e trabalhos coletivos técnicos.

As maneiras de conduzir as entrevistas se deram de acordo com os temas abordados e como as personagens se sentiriam confortáveis para falar sobre os tópicos. Era de extrema importância para a produção que as entrevistadas sentissem credibilidade e confiança durante as conversas, então o ambiente familiar a elas, e a liberdade para conduzirem o ritmo das gravações foram preservadas. Filmar com uma história em mente é importante para a decisão de quantas imagens é preciso e dos ambientes necessários (BERNARD, 2008), esse foi o máximo de um roteiro que foi seguido.

“(...) é um documentário que, se tudo correr bem, você volta para casa com um filme que você não supôs que pudesse fazer. Não porque ele é melhor ou pior, mas porque você não podia imaginá-lo de antemão. Você não sai com o roteiro, você não tenta adestrar o mundo. O mundo ocorre e você o aceita do jeito que ele acontece. O que é uma maneira de você trabalhar. Existem outras.” SALLÉS, João Moreira. *João Moreira Salles filma o Brasil delicado em “Nelson Freire”*, entrevista de João Moreira Salles a Neusa Barbosa, disponível em: <http://cineweb.com.br>, acesso em 28/01/2022

A criação da narrativa do material se deu no decorrer das filmagens, cada entrevistada abordou diferentes temas em maneiras variadas, o que não colocou padrão inicial ao vídeo. A quantidade e diversidade das imagens disponíveis para montagem e inserção de voz *over* foram escassas, devido à dificuldade em conseguir locais, partidas de futebol e ambientes relacionados.

Com todas as entrevistas realizadas foi iniciado o processo de decupagem de todo material, e foi criado um roteiro de montagem “que passa a ser o roteiro final do filme” (SOARES, 2007, p.167). Nesse processo, foram analisadas todas as entrevistas, delimitado o que mais servia para o contexto do produto e separado por temas. Também foram selecionadas imagens das partidas para servirem como suporte as narrações e materiais de arquivo encontrados na internet para compor as sequências.

Também foi decidido a utilização da narração para interligar entrevistas e ampliar o “campo de informação do espectador em relação àquilo que é mostrado no documentário” (SOARES, 2007, p. 195). Esse estilo também foi escolhido para mostrar a aproximação entre produção e tema, gerando a sensação de pertencimento e entendimento sobre o assunto e as questões abordadas.

A montagem final do documentário se deu seguindo a lógica de temáticas iguais respondidas por várias personagens diferentes, o que para Nichols (2005) é considerado montagem de evidência. A intenção é a de que “em vez de organizar os cortes para dar a sensação de tempo e espaço únicos, (...) a montagem de evidência organiza-os dentro da cena de modo que se de a impressão de um argumento único, convincente, sustentado por uma lógica.” (NICHOLS, 2005, p. 58). A versão final então seguiu esse raciocínio na escolha de sequência.

O nome do produto foi definido “Quem não sonhou em ser uma jogadora de futebol? Histórias vividas e contadas por mulheres”, uma referência a música “É uma partida de Futebol” da banda Skank. Em trecho da canção, a frase “quem não sonhou em ser um jogador de futebol?” marcou a história cultural dos torcedores e fãs do esporte, mas de certa maneira exclui todas as mulheres que também podem querer e almejar se tornarem atletas. A menção foi uma maneira de incluir a mulher em uma narrativa conhecida, também criar a ligação lúdica com o famoso cântico.

Foram gastos o valor de 300 reais para a contratação de um design gráfico, que fez a criação da ilustração usada na transição do minuto 20, e na criação da abertura do vídeo. Todo o resto da pós-produção, como decupagem, edição e revisão foram feitos pela responsável em produzir o material.

CONSIDERAÇÕES

Após o percurso de pesquisa bibliográfica, da escrita deste relatório, bem como ao longo da produção do material, pude melhor entender a história de silenciamento das mulheres no interior do futebol feminino. Percebi, também, o quanto essa prática esportiva, por intermédio de seus sujeitos construtores, absolutamente criativos, vem tentando se fazer mais presente e real no cotidiano das pessoas -mesmo existindo há tantos anos, numa espécie de marginalidade social. Os conceitos de representação de Stuart Hall, assim como as outras teorias de visibilidade feminina e da história das mulheres, ajudaram a entender os caminhos pelos quais as narrativas de determinados grupos podem ser postas em destaque ou em segundo plano, conforme as relações de poder em jogo (masculino/feminino).

Acredito que seja preciso reforçar propostas de trabalhar e questionar as representações femininas no futebol, tentando esclarecer mitos e estereótipos, bem como apontar novos caminhos. A falta de espaço do futebol feminino nas mídias se mostra diretamente ligado a esse tipo de perspectiva excludente quanto ao que é ser mulher e qual o papel delas na sociedade.

Se compreendemos que a linguagem documental é uma maneira de contribuir com o incremento da cultura nacional, como forma de reforçar ou questionar práticas e representações correntes, acreditamos ter colaborado com a visibilidade do futebol feminino em geral – e particularmente com a história do futebol feminino mineiro.

Stuart Hall deixa claro em seus escritos que a cultura tem o poder de construir e refletir a vida da sociedade. E que as práticas culturais por sua vez, são influenciadas pelas mídias e pelos veículos de comunicação; isso pode reforçar discursos ou gerar debate sobre diferentes maneiras de ser e agir. Portanto, é nesse ponto em que a representação no futebol feminino necessita de mais espaço de visibilidade nessas plataformas.

Mulheres jogam futebol, e apesar de proibições, dificuldades de toda ordem e preconceitos essa é uma realidade social inequívoca. O esforço para transmitir os jogos, contratar profissionais especializados para fazer a cobertura, apoiar clubes e atletas e incentivar torcedores seria uma maneira de inserir de vez essa linguagem cultural no universo social e no imaginário popular.

Quando uma mulher deseja ocupar uma função de liderança, portanto, ela enfrenta um duplo desafio. Se for feminina demais, ela será considerada fraca e inapta. [...] Se, por outro lado, ela exibir traços tradicionalmente valorizados

nesses cargos, será considerada masculina e durona. (COLETIVO NÃO ME KAHLO, 2016)

Apesar dessa herança social, muitas vezes machista e conservadora que constitui intrinsecamente a sociedade brasileira, elas se reinventam no decorrer dos séculos. No esporte, essas atletas passam por essa necessidade de vencer barreiras por vezes praticamente intransponíveis. A representação gera reconhecimento, visibilidade que pode gerar apoio e mudança em atitudes de uma sociedade coletiva e que vê na cultura sua forma de expressão e realidade.

Sobre o papel da mídia audiovisual na divulgação desse esporte e dessas atletas, é preciso pensar no capital e no que gera a montagem de uma grade de transmissão. Se o fator seria a audiência, como criar estratégias e planos de atração ao espectador. O exemplo da Copa do Mundo Feminina que aconteceu na França em 2019, mostra que o público existe e o interesse demanda espaço e investimento.

Se é cultural existe espaço para agregar, historicamente é preciso não apagar e visibilizar a herança dessas mulheres no campo de futebol. Financeiramente pode ser encontrada a demanda, que geraria o retorno esperado que é objetivo das mídias contemporâneas. A criação de materiais como o proposto nesse relatório serve para fornecer mais espaço de divulgação e debates para a modalidade, gerar a movimentação de conteúdos gerar a fomentação entre os fãs da categoria e buscar novos grupos de interesse.

A produção desse material ensinou bastante sobre como mulheres que praticam o futebol são representadas, as dificuldades que enfrentam e as batalhas que encaram todos os dias para seguirem exercendo a atividade que amam. Se fez importante também não só ressaltar as negativas do assunto “futebol feminino e a falta de visibilidade”, ficou claro também que elas não são invisíveis para todos e que o caminho já percorrido e o que se começa a formar promete mudanças construídas pelas próprias jogadoras.

LINK DO DOCUMENTÁRIO:

<https://drive.google.com/file/d/1iwhJd9iZ1X7tmmKVnP6X5aYtpOyIF0wQ/view?usp=sharing>

REFERENCIAS

ABRUCIO, Marcos; MASSARANI, Luisa. **Bola no Pé: a incrível história do futebol**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **Representações sobre mulheres nos estádios de futebol**. Porto Alegre, 2018.

BATISTA, Maiara Carvalho; RIZZOTTO, Carla Candida. **Identidades estereotipadas: análise da representação dos moradores de Joinville no quadro JA nos Bairros**. Porto Alegre, 2017.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**/Sheila Curran Bernard; [tradução Saulo Krieger]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008, 2ª reimpressão

BERNARDES, Feernanda. **Webdocumentário e interação: compreendendo o papel do usuário em fort mcmoney**. Rio Grande do Sul, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

CHAUI, M. Senso comum e transparência. In: J.Lerner (Org.), *O preconceito*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em Profundidade**. In: DUARTE; BARROS. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143- 51, abr./jun. 2005.

Guterman, Marcos. **O futebol explica o Brasil : uma história da maior expressão popular do país** / Marcos Guterman. – São Paulo : Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In *Educação e Realidade*. Jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação/Stuart Hall**; Organização e Revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JANUÁRIO, S. B. **Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil.** IN: Fúlia (Dossiê Futebol e Cultura), Minas Gerais, v. 1, n.2, p.28-43, 2017

#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes/ [Coletivo Não Me Kalho]. -1. Ed- Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

MIRANDA, Beatriz; OLIVEIRA, Otoniel Lopes de. **PROTAGONISMO FEMININO NOS QUADRINHOS: REPRESENTAÇÃO, FEMINISMO E SUPER-HERÓIS.** In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 4., 2017, Belém. **Anais...** . São Paulo: Usp, 2017. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_h_cultura/beatriz_miranda_e_otoniell_lopes.pdf>.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols;** tradução Mônica Saddy Martins. - Campinas, SP: Papirus, 2005. - (Coleção Campo Imagético)

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2019.

RAGO, Margareth. **“Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos.** 2019

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História.** 1998.

ROSSI, Clóvis. **O QUE É JORNALISMO.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **SIMONE DE BEAUVOIR E JUDITH BUTLER: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS E OS CRITÉRIOS DA AÇÃO POLÍTICA.** 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015. Disponível em: <<http://ppg.unifesp.br/filosofia/dissertacoes-defendidas-versao-final/dissertacao-djamila-tais-ribeiro-dos-santos>>.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações.** Revista Anagrama, Revista Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, v. 2, n. 1, set./nov. 2008.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Estudos Feministas**, Araraquara, n. 16, p.173-186, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018>>. Acesso em: 17 out. 2018.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pós-produção /** Sérgio José Puccini Soares. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

TEIXEIRA, Fábio Luiz Santos, CAMINHA, Iraquitã de Oliveira, **Preconceito no futebol feminino brasileiro,** Uma revisão sistemática. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar, 2013.

TREVISAN, Márcio. **A HISTÓRIA DO FUTEBOL PARA QUEM TEM PRESSA.**

Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

Yin, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.